

# A FLOR DO EQUINÓCIO

UM FILME DE YASUJIRO OZU

[ Este texto revela aspectos importantes sobre o enredo do filme ]



“Da escuridão para a luz. Sucedendo imediatamente à desolação e aos tons sombrios a preto e branco de *Tokyo Twilight* (1957), *A FLOR DO EQUINÓCIO* (1958) foi uma enorme mudança emocional para Yasujiro Ozu, intensificada pelo facto de ter sido o seu primeiro filme a cores. Embora a decisão de filmar com película Agfacolor tenha sido imposta pelo estúdio (em parte para apresentar com maior brilho a estrela Fujiko Yamamoto, que tinha vindo para a Shochiku da produtora rival Daiei), Ozu não poderia ter encontrado uma melhor história para envolver com a sua nova paleta: *A FLOR DO EQUINÓCIO* é luminoso, moderno, e decidido na sua representação de filhos a lutar pelas suas convicções mesmo que os pais estejam a dar pequenos passos no reconhecimento da individualidade da sua prole.

Tudo parece florescer de novo em *A FLOR DO EQUINÓCIO*. A geração mais nova já não encara o casamento como um assunto dos pais, um ponto de vista apregoadado bem cedo no filme por Hisako (Miyuki Kuwano), cuja camisola cor-de-rosa, resplandecente no meio dos tons acastanhados da sua casa, exprime a sua encantadora individualidade. “Não quero um casamento combinado com um estranho”, afirma confiante Hisako, transportando a perpétua examinação da vida familiar japonesa levada a cabo por Ozu para um patamar moderno. É claro que, com atitudes tão novas e liberais, amplia-se ainda mais o abismo entre pais e filhos. Mas em vez de um grande conflito geracional – como Ozu retratou no passado – temos a delicada hipocrisia de Wataru Hirayama (o antigo ídolo de matinées Shin Saburi), o patriarca dominante e protagonista do filme, em constante auto-contradição. Com a sua complacente melena grisalha nas têmporas, Hirayama encarna os valores tradicionais da sociedade japonesa a enfrentar a pouco e pouco uma mudança cultural. Perto do início do filme, no casamento do filho de um amigo, Hirayama faz um discurso ora melancólico ora condenador no qual relembra as oportunidades românticas limitadas da sua geração, devido à tradição dos casamentos combinados. Embora Hirayama valorize os casamentos por amor dos jovens como um exemplo de progresso, ele passa o resto do filme a tentar contrariar a mesma liberdade à sua filha Setsuko (Ineko Arima).

Torna-se claro, à medida que o filme avança, que a oposição de Hirayama à escolha de um marido representa apenas o derradeiro poder da sua autoridade em perda. A crítica de Ozu aos valores familiares conservadores é suave e não radical, porventura reflectida na evolução da mentalidade de Hirayama. O olhar assombrado de *A FLOR DO EQUINÓCIO* sobre a colisão entre o velho e o novo parece ser verdadeiramente livre, quer narrativa como esteticamente. Chaleiras vermelhas devidamente enquadradas, ramos amarelos de flores frescas, garrafas de refrigerante cor-de-laranja: é um novo mundo para Ozu, tal como o é para Hirayama. Mesmo os famosos planos-almofada [pillow-shots] de Ozu (essas imagens fugazes e poéticas de ambiente que nos transportam entre cenas) têm de repente uma nova capacidade expressiva, como quando corta de uma extensão de tapete vermelho para os luminosos sinais de néon vermelhos e azuis do bairro de Ginza. Ainda que tenha resistido a usar a cor durante muitos anos, tal como tinha resistido ao som nos anos 1930, Ozu conseguiu fazer uma transição suave, aproveitando a forma como as propriedades dos tons vermelhos, em particular, para realçar a sua visão de uma sociedade em mudança. Algo fez sentido, e a partir deste ponto, todos os filmes de Ozu exploraram este novo e vibrante espectro.”

**Michael Koresky - Extraído do ensaio incluído na edição em DVD de *A FLOR DO EQUINÓCIO* (Criterion Collection)**  
(Michael Koresky integra a equipa de redactores da Criterion Collection. Foi um dos fundadores do site Reverse Shot e colaborou com publicações como Film Comment, Interview ou Indiewire)